

Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP

Belonging of women in football: a case study of Futebol Feminino Campinas/SP

Nathália Cristina Servadio

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Mestrado em Educação, Unicamp
nathaliaservadio@gmail.com

Helena Altmann

Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Brasil
Doutorado em Educação, Unicamp

RESUMO: O futebol jogado por mulheres no Brasil vem crescendo, desde última a década, mas não necessariamente se desenvolvendo – sobretudo entre crianças, jovens e mulheres não profissionais. Há urgência em pensar o acesso – com dignidade e pertencimento – à prática futebolística de forma contínua e geracional para este público. Assim, o objetivo deste artigo passou por investigar a trajetória do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) ao ofertar a prática futebolística para mulheres de distintas gerações na cidade de Campinas/SP. Para tanto, foi realizado um estudo de caso, que incluiu: observações virtuais, sete entrevistas on-line, 12 cartas on-line com a comunidade do projeto. Os relatos foram categorizados e destacados em duas temáticas: criação de oportunidades encabeçada por *mães-jogadoras* e senso de pertença ao futebol vinculado às políticas esportivas. Dar visibilidade às estratégias do projeto FFC possibilitou refletir sobre a criação de oportunidades responsáveis e desafios para democratização da prática futebolística no país.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol de mulheres; Pertencimento; Relações de gênero.

ABSTRACT: Football played by women in Brazil has been growing since the last decade, but not necessarily developing – especially among children, young people and non-professional women. There is an urgent need to think about access – with dignity and belonging – to football practice in a continuous and generational way for this audience. Thus, the aim of this article was to investigate the trajectory of the Campinas Women's Football project (FFC) by offering football practice to women of different generations in the city of Campinas/SP. For that, a case study was carried out, which included: virtual observations, seven on-line interviews, 12 on-line letters with the project community. The reports were categorized and highlighted in two themes: creation of opportunities headed by player-mothers; sense of belonging to football linked to sports policies. Giving visibility to the FFC Project's strategies made it possible to reflect on the creation of responsible opportunities and challenges for the democratization of football practice in the country.

KEYWORDS: Women's football; Belonging; Gender relations.

INTRODUÇÃO¹

Mary Wollstonecraft (2017)² escreveu que: “É hora de devolver-lhes [às mulheres] a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana”. Quando pensamos no direito e dignidade à prática esportiva e futebolística por distintas mulheres brasileiras, essa reivindicação se faz urgente. No futebol brasileiro, as desiguais oportunidades esportivas em relação às mulheres foram marcadas por violências simbólicas e políticas que deslegitimam a presença delas na modalidade, como exemplificado pelos próprios impedimentos legais à prática do esporte por mulheres, como entre 1941 e 1979,³ criando um imaginário de que o “futebol é coisa para macho”.⁴ Processo histórico que culminou na insuficiência de políticas de inclusão,⁵ seja nas próprias políticas públicas relacionadas, bem como nos clubes e projetos esportivos, para incentivar a prática de mulheres de distintas gerações.

As mulheres lutaram e lutam cotidianamente para pertencer aos espaços políticos do gramado, resistindo e criando suas próprias redes de sociabilidade e usufruindo de um espaço que é seu por direito. O futebol é um dos espaços de subversão, que mais vêm ganhando adeptas, participantes⁶ e amantes da modalidade.⁷ Contudo, o crescimento dessa modalidade não está atrelada ao seu desenvolvimento e ampliação de oportunidades esportivas, ocorrendo de forma heterogênea nos distintos estados e regiões brasileiras. Problemáticas históricas emergem, como, por exemplo, a infraestrutura para prática geracional, oferta e permanência da categoria de base, profissionalização de atletas, questões de gênero, raça, sexualidade e classe, a promoção e organização de campeonatos, os direitos trabalhistas etc.⁸ Quando o assunto é categorias de base no futebol jogado por elas, o cenário é ainda mais preocupante.

¹ Este estudo foi baseado na dissertação de mestrado: *Pertencimento e oportunidades esportivas na prática futebolística de meninas e mulheres: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC)*, financiada pela CAPES por meio do programa de bolsas CAPES/Demanda Social.

² WOLLSTONECRAFT. *Reivindicação dos direitos da mulher*, p. 69.

³ O Conselho Nacional de Desportos (CND) proibiu por lei a prática de esportes considerados impróprios para meninas e mulheres.

⁴ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?, p. 316.

⁵ GOELNNER. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades.

⁶ JACOBS. Programme-level determinants of women's international football performance.

⁷ FIFA. Women's Development Programme, p. 6.

⁸ ALMEIDA. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol.

O relatório oficial da Federação Internacional de Futebol:⁹ apontou que no Brasil apenas 475 jovens jogadoras, abaixo dos 18 anos, estão registradas em clubes brasileiros. A categoria de base também foi tema do recente estudo avaliativo da FIFA¹⁰ referente às 30 principais ligas de futebol pelo mundo, reunindo 282 clubes. Nota-se nos dados que as faixas etárias mais ofertadas na prática do futebol para elas são: sub-18, sub-17 e sub-16, com cerca de 83% das equipes. Em relação a geração mais nova, apenas 35% dos clubes oferecem estrutura para categorias do sub-12, sub-10 e sub-8.

Vale pontuar, também, que o futebol de mulheres e meninas não se limita apenas à repercussão de conquistas de renomados clubes: em alguns casos, a modalidade se desenvolveu com mais constância em times amadores e clubes sociais. E tais espaços não-formais do ensino esportivo, enfrentam uma elevada taxa de evasão de crianças e adolescentes.¹¹ Por exemplo, entre as meninas, essa taxa de evasão é amplamente significativa. Em pesquisa do Governo Federal (2015), verificou-se que, meninas até 15 anos de idade, a taxa de evasão no esporte equivale a 34,8%; já entre os meninos, a taxa é significativamente menor (19,3%).¹² Esses dados impulsionam a problematização sobre os porquês de distintas meninas e mulheres abandonarem a prática.

Questões de gênero marcam as evasões e oportunidades esportivas, sendo cruciais para compreender as desigualdades na prática do futebol, bem como suas possibilidades como um espaço transformador de realidade e pertencimento. A abordagem de gênero contribui para rejeitar o determinismo biológico e estampa que as feminilidades e masculinidades associados ao sexo foram (e são), de certa forma, construídas e reforçados socialmente, principalmente no esporte.¹³ Deste modo, essa pesquisa contribui na visibilidade e análise de espaços que ofertam e mobilizam oportunidades esportivas preferencialmente para meninas e mulheres, levando em conta que:

As carências de estudos qualitativos e quantitativos sobre a inserção de meninas através do esporte exigem mais investimentos. Não somente para gerar

⁹ FIFA. Women's Football Member Associations Survey Report.

¹⁰ FIFA. Benchmarking Report Women's Football.

¹¹ BRASIL. A prática de esporte no Brasil.

¹² BRASIL. A prática de esporte no Brasil.

¹³ ALTMANN. Gênero na prática docente em educação física.

mais informações e pesquisas sobre participação de meninas e jovens no esporte, mas, também, porque com as informações levantadas torna-se possível orquestrar mais projetos esportivos para as meninas.¹⁴

A relevância do estudo encontra-se, então, na possibilidade de cotejar a influência e visibilidade de ações e espaços, sobretudo não-formais, que oferecem oportunidades esportivas e que compreendem a valorização da vivência esportiva para distintas meninas e mulheres no pertencimento a prática futebolística. Assim, o estudo possui, como ponto de partida, o intento em se debruçar criticamente e refletir sobre os desafios de um projeto esportivo, o Futebol Feminino Campinas (FFC), que oferta, com alguma perenidade, espaços para democratização da vivência esportiva para crianças, jovens e mulheres, a fim de compreender as ações e estratégias desta comunidade para transpor os desafios e oportunizar a prática esportiva para tal grupo.

A escolha do projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) se deu, primeiramente, por questões geográficas (se tratando da cidade em que a pesquisadora residia devido a inserção no Mestrado acadêmico em Educação na Faculdade de Educação da UNICAMP em 2019); mas principalmente pelo fato de o projeto fomentar a prática futebolística para centenas de meninas e mulheres da região metropolitana (cidade de Campinas/SP), de forma ininterrupta desde o ano de 1996.

O PROJETO DE FUTEBOL PARA MENINAS E MULHERES NA CIDADE DE CAMPINAS

“Se tivéssemos mais projetos como este a realidade, não só minha, mas de muitas outras meninas/mulheres e suas relações e oportunidades com o Futebol seriam diferentes”.¹⁵ A referência do projeto esportivo, citada por Luana (nome fictício), uma das participantes da pesquisa, é o projeto Futebol Feminino Campinas (FFC), objeto desta pesquisa. Seu reconhecimento foi mencionado por todas as interlocutoras deste estudo (treina-

¹⁴ BRAUNER. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte, p. 530.

¹⁵ Carta escrita por Luana. Jogadora de 32 anos, que participou desta pesquisa através da escrita de sua experiência com o projeto FFC por meio de uma carta, enviada de forma on-line, devido as circunstâncias da COVID-19. Não atuou na base do projeto, chegando diretamente no adulto.

doras, jogadoras, profissionais da área, familiares, etc.), seja por meio de cartas, depoimentos on-line e/ou entrevistas. O FFC se destaca no município de Campinas pela construção de oportunidades esportivas destinadas às meninas e mulheres na prática futebolística desde o final década de 1990.

O projeto FFC nasceu em Campinas, a 68 km a noroeste da cidade de São Paulo. Sua formação foi decorrente de uma longa trajetória de batalhas por oportunizações de espaços para vivência futebolística de meninas e mulheres em um clube social. A organização do projeto é feita pelo oferecimento de treinamento de futsal e futebol para crianças de nove anos até mulheres de 55 anos. Na iniciação esportiva, crianças e jovens são agrupadas por faixas etárias, que possibilitam a continuidade esportiva de forma geracional. O intuito passa por construir uma carreira esportiva e, simultaneamente, um espaço de socialização e lazer.¹⁶ A inserção destas futebolistas é feita através do compromisso com o pagamento mensal de uma taxa, que pode ser flexível de acordo com a situação econômica e contexto familiar da participante.

A escolha do nome do projeto, Futebol Feminino Campinas, buscou associar seu intento ao público-alvo e localidade, respectivamente. Destaca, também, uma das modalidades ofertadas, o futebol, que além ser um fenômeno sociocultural e de expressividade brasileira,¹⁷ reverbera embates históricos no país. Entretanto, como nos alerta Joan Scott (1995). “Aqueles que se propõem a codificar os sentidos das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as ideias e as coisas que elas significam, têm uma história.¹⁸ Escrever sobre projetos esportivos, como o FFC, vai além da compreensão de seu nome e seus signos enquanto escola de educação não-formal digna para meninas e mulheres; é também visibilizar sua história e desafios em torno da sua consolidação enquanto um projeto central para meninas e mulheres no interior de São Paulo carregando especificidades, um contexto geográfico, político, social, comunitário e histórico de muitos embates.

¹⁶ CAMPINAS. Pagina Inicial.

¹⁷ DAOLIO. As contradições do futebol brasileiro, p. 40.

¹⁸ SCOTT. Gênero: uma categoria útil de análise histórica, p. 71.

O projeto Futebol Feminino Campinas (FFC) está, desde 1996, situado na cidade de Campinas. A metrópole possui alta densidade populacional e abrange microterritórios agrupado por cinco regiões: Leste, Noroeste, Norte, Sudoeste e Sul. São áreas contrastantes e desiguais quanto aos cenários socioeconômicos e de vulnerabilidade social –, principalmente em relação aos espaços de alta vulnerabilidade social – tornando o direito e a vivência esportiva também desiguais para parte da população.¹⁹ Os espaços em que a maioria dos campineiros e campineiras vivenciam atividades esportivas são os oferecidos pelo poder público municipal, para além dos restritos às casas, escolas ou praças e ruas.²⁰ No entanto, nota-se que as oportunidades esportivas são desiguais e hierarquizadas por gênero, isto é, meninas e mulheres se encontram desprivilegiadas em relação ao uso dos recursos públicos e às oportunidades esportivas criadas na cidade.²¹

O Relatório de Informações Sociais do município de Campinas de 2016, constatou também que há desigualdades em relação a qualidade e quantidade dos espaços esportivos na região: apesar do maior número de espaços à prática esportiva nas regiões Sul e Leste eles não são suficientes para a população local e, tampouco, acessíveis para praticantes de outras regiões e que contenham atividades inclusivas para diversos públicos; as regiões Noroeste e Sudoeste detêm a menor quantidade de unidades de incentivo ao esporte, território originário de parte das interlocutoras desta pesquisa, como a Irene²² (nome fictício), que relatou sobre as (poucas) oportunidades esportivas em sua região:

Lembro que quando mudei de casa, que eu morava aqui na vila União [Região Sudoeste] e depois eu mudei pro Campo Grande [Região Noroeste]. não tinha mais escolinha gratuita, mais nada, eu falei assim: nossa eu queria entrar no futebol, mas um futebol que possa me desenvolver mais ainda, futebol que tinha só menina.

No caso das práticas futebolísticas, tais oportunidades são majoritariamente destinadas para meninos e homens. Julia Barreira e colaboradoras²³ descrevem que o

¹⁹ UNGHERI; ISAYAMA. Equipamentos públicos de lazer e esporte, p. 7.

²⁰ MARCELLINO. *Políticas públicas de lazer-formação e desenvolvimento de pessoal*, p. 61.

²¹ BENINI FILHO. *Educação do corpo na perspectiva de gênero*.

²² Irene de 22 anos, participou desta pesquisa com depoimento gravado on-line em relação a sua vivência como jogadora da base do projeto FFC. Representando-o dos 14 anos aos 18 anos.

²³ BARREIRA. Futebol feminino como prática de lazer.

acesso à prática do futebol por mulheres nos espaços de lazer em Campinas são desiguais. Relatam que, dos 11 centros esportivos públicos pesquisados na cidade, apenas um único contava com prática organizada para mulheres. No entanto, a prática ocorre predominantemente em espaços privados, concentrados nas regiões centrais da cidade, em que 50% deles são alugados para a prática futebolística por mulheres (BARREIRA et al., 2017). O cenário de inserção e acessibilidade nos espaços privados contrasta com as possibilidades oferecidas às jogadoras da comunidade do FFC, majoritariamente de camadas socioeconômicas mais baixas, que se auto identificam como negras e pardas e residem em regiões vulneráveis da cidade. Em muitos casos, elas não conseguem acessar tais espaços, por fatores como: econômicos, mobilidade urbana, segurança pública e entre outros. Como relatado por Laís:²⁴ “A jornada até os treinos era bem desgastante e eram durante a noite (perigoso) e minha mãe não tinha tempo para me levar, sempre fui sozinha. E as vezes faltava por não ter passagem”.

De forma geral, as oportunidades reais de vivência futebolística para distintas meninas e mulheres são permeadas pelas questões de gênero, classe e a raça.²⁵ Devemos reconhecer, portanto, a relevância histórica de projetos esportivos, como o projeto FFC, ao procurar subverter este cenário de desigualdades.

PERCURSO HISTÓRICO DO PROJETO FFC

Entre as quatro linhas do Clube Recreativo Bonfim, que o projeto FFC se originou. As especificidades e disputas desta relação longínqua contribuíram para a consolidação do projeto FFC. O clube social privado e localizado no bairro do Bonfim, na região Norte de Campinas, é detentor de boa estrutura esportiva. O bairro em que está situada a agremiação possui, majoritariamente, uma população de classe média/alta, com poder econômico para custear inserção ao espaço associativo por meio do pagamento de mensalidade.

²⁴ Laís de 26 anos participou desta pesquisa através da escrita da carta on-line, coletada em maio de 2020. A jogadora não sócia se inseriu no projeto desde 2010 quando a parceria ainda era vinculada ao clube social, e atualmente é uma atleta profissional e formada em Educação Física com bolsa vinculada ao projeto FFC.

²⁵ MARTINS; VASQUEZ. As mulheres e o país do futebol.

Apesar da ampla estrutura esportiva e econômica do clube social, desde sua constituição, em 1922, até meados de 1996, não houve qualquer oferta à prática futebolística para mulheres. Os espaços futebolísticos do clube eram reservados e pensados exclusivamente para homens e meninos de classe média/alta usufruírem de suas instalações. Os clubes suburbanos popularizaram o futebol praticado por homens no Brasil,²⁶ como no caso do clube social estudado. Além disso, o processo de urbanização de Campinas e a prática do futebol como fenômeno social disseminou, pois, a educação dos corpos em espaços associativos, redefinindo hábitos, atitudes e comportamentos. A atividade futebolística passa a não ser democrática à população, afetando, principalmente, mulheres. Ao longo da segunda metade do século XX, o futebol seguia, explicitamente, a manutenção da suposta “área de reserva masculina” por Estado e clubes, associando os espaços futebolísticos aos homens, constituindo hierarquias e exclusões.²⁷

As mulheres que frequentavam o clube, à época, eram predominantemente das classes média e alta e, em sua grande maioria, mães, participando apenas de espaços restritos à prática da natação ou ao cuidado dos filhos durante momentos de lazer. Essas mulheres foram atravessadas pelo contexto histórico da época: como mulheres-mães, e que, incorporavam valores voltados ao fortalecimento da branquitude. Também, no que diz respeito à saúde, ao vigor físico (sem performar masculinidade) para “contribuir de forma decisiva com o fortalecimento da nação e o depuramento da raça gerando filhos saudáveis”, legitimando “estereótipos da “rainha do lar”, que incensava a “boa mãe”²⁸ A mulher-mãe, nesse sentido, reconhece a importância das atividades corporais e esportivas para o aperfeiçoamento da reprodução humana.²⁹

Notamos, historicamente, que muitas mulheres esportistas não se submeteram a essas normas convencionais e acabaram incorporando outras ações e estratégias para adentrar o espaço de sociabilidades esportivas e vivenciá-los ativamente nas esferas da

²⁶ MELO. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico, p. 110.

²⁷ DUNNING; MAGUIRE; WUILLAUME. As relações entre os sexos no esporte.

²⁸ FRANZINI. Futebol é "coisa para macho"?, p. 321.

²⁹ GOELLNER. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na *Revista Educação Física*.

vida pública e privada,³⁰ rompendo a suposta área de reserva masculina. No clube social pesquisado, não foi diferente.

Fase 1: a reivindicação do futebol por mulheres

Em meados de 1996, os espaços futebolísticos do clube foram reivindicados pelas mulheres sócias. Vilma³¹ revela que o interesse entre as sócias em vivenciar a prática futebolística sempre esteve presente: “as meninas que jogavam vôlei e basquete [no clube social] queriam jogar futebol também” (Vilma). Todas elas ansiavam maiores oportunidades esportivas na modalidade dentro do clube. Naquele ano, o futebol de mulheres foi, pela primeira vez, inserido como uma das competições dos Jogos Olímpicos pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), sem desconsiderar que o processo de apropriação da prática futebolística era tardio:

Se pudesse ter uma máquina do tempo, voltaria para essa época, e voltaria para poder brigar por esse espaço. Não investem como deveria, é muito difícil ainda, ainda tem um caminho. Antes de mim deve ter sido pior, lá trás né, deve ter sido pior, a gente escuta que foi jogado escondido. A gente ajudou a conquistar esse espaço.³²

O processo de reivindicação de oportunidades esportivas dentro do clube social, originário pelas mulheres sócias, contribuiu para a criação da primeira equipe do clube Bonfim. A existência de um *modus operandi*³³ conservador não impediu o confronto e reivindicação de mulheres por novas práticas dentro do clube social. No caso

³⁰ BONFIM. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*.

³¹ Vilma de 42 anos foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do projeto FFC como jogadora e durante três primeiros anos da equipe do clube Bonfim atuando como primeira capitã da equipe e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

³² Entrevista de Sueli. Jogadora do projeto FFC durante os dois primeiros anos da equipe do clube social e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe que com o passar dos anos se tornaria FFC. Ela participou desta pesquisa através de uma entrevista realizada no dia 1º de julho de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

³³ Vitor Melo (2010) atribuiu ao sentido da expressão *modus operandi* como um modo de operação concebido para expressar comportamentos, valores, formas de agir e operar uma atividade ou prática, na qual segue um protocolo.

estudado, esse processo de inserção nos espaços futebolísticos do clube como praticantes, foi iniciado pela comunicação entre algumas mulheres sócias durante o espaço de sociabilidade nas outras modalidades ofertadas no clube, como nas aulas de basquete e voleibol, como também durante as aulas de futebol dos filhos, configurando o interesse de praticar a modalidade. Então, um grupo de mulheres se constituiu para, em seguida, iniciar um apelo aos diretores na época pela abertura de espaços futebolísticos próprios no clube social. O interesse foi levado à direção do clube, formada por homens: “a maioria dos nossos pais eram diretores e coordenadores, e algum momento algumas meninas comentaram esse interesse”.³⁴

As oportunidades futebolísticas para mulheres no clube social se consolidaram de forma paulatina ao longo da primeira década (1996 a 2009). Havia treinamento semanal e inserções em curtos-circuitos competitivos, que reunia todas as jogadoras em uma categoria etária única, que enfrentavam outras equipes da região, geralmente com futebolísticas mais experientes, denotando grande discrepância competitiva entre as participantes. Durante esse processo, o projeto FFC foi representado por uma equipe amadora, com propósito direcionados estritamente ao lazer de distintas sócias, com uma equipe composta majoritariamente por mulheres brancas e de classe média/alta.

Nesse período, a subversão de normas, o enfrentamento de preconceitos e impedimentos para a prática do futebol estavam presentes na região³⁵ e no país.³⁶ No entanto, para as praticantes sócias essa não era uma preocupação e além de vivenciarem a prática esportiva e romperam com esses valores esperados nos espaços futebolísticos, tensionam modelos únicos de ser mulheres e homens, constituindo simbolicamente identidades mutáveis. A identificação com a modalidade e parceiras de time e possibilidade de ocupação dos espaços futebolísticos do clube social, originou um sentimento de pertencimento de meninas e mulher no futebol.

Notamos, então, a luta histórica de mulheres que, ao ocuparem os espaços esportivos e sociais, foram importantes para, enfim, vivenciarem práticas futebolísticas

³⁴ Entrevista de Vilma.

³⁵ MOURA. *As relações entre lazer, futebol e gênero*.

³⁶ MORAES. *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90*.

no clube social estudado no final da década de 1990 “[...] Quando você pensa em esporte você está mais vivo”, afirmou Sueli, uma das jogadoras entrevistadas. Desse modo, vemos o esporte contribuindo para a construção de um novo *modus vivendi*/modos de vida para as jogadoras, isto é, a constituição de uma nova conjuntura de simbologias e costumes, o prelúdio de uma nova cultura.³⁷

Fase 2: ampliação e adesões de futebolísticas não sócias

A segunda década (2010 a 2019) de parceria entre o projeto com o clube social inaugura uma nova fase. Houve maior tensionamento do espaço futebolístico do clube, impulsionado pelas verbas oriundas da Lei Paulista de Incentivo ao Esporte (LPIE), regulamentada pelo decreto 55636/2010, que permitiu o FFC chegar a um estágio de desenvolvimento até então não alcançado e crescer a oferta da prática futebolística para distintas meninas e mulheres da região.

O vínculo com o poder público proporcionou a abertura do espaço esportivo da agremiação em prol de ações e oportunidades esportivas à população. Todavia, os relatos apontam certo descompasso e apoio escuso do clube na oferta da prática futebolística, através das estratégias de regulação adotadas aos equipamentos esportivos, estruturas físicas locais e arregimentando vestimentas esportivas; ampliando as necessidade gerenciamento da mobilidade para os espaços, e da organização do eventos, como um todo. Não havia um plano de desenvolvimento a longo prazo alinhado entre o clube social e o projeto que, segundo uma atleta, seguia a “adoção de modelos mais voltados ao amadorismo e ao conchavo”,³⁸ distanciando-se, em alguns momentos, da possibilidade da prática do futebol enquanto estratégia de intervenção educacional e cidadania.

No entanto, nota-se ao longo da década de 2010, a expansão do futebol de mulheres com a abertura a novos públicos e apoio da prefeitura de Campinas. Essa adesão de não sócias de distintas gerações no clube social do Bonfim, contribuiu para que se

³⁷ MELO. Apontamentos para uma história comparada do esporte.

³⁸ Diana de 30 anos, é uma ex-jogadora do projeto FFC durante o período de 2011 a 2014, e participou através de conversas on-line pelas mídias sociais. Relatando suas vivências no FFC.

ampliasse o número de futebolísticas participantes, iniciando a formação de uma categoria de base, a partir da segmentação por faixas etárias que ingressaram na equipe e a possibilidade de direcionar sua inserção tanto à prática do esporte enquanto lazer, como de rendimento/competição. Fomentando uma nova rotina de treinamento, concomitante, a existência de um calendário anual de circuitos competitivos. Tais fatores fortalecido pelas relações de afeto permitiram que as cores e o nome do clube social ganhassem abrangência, visibilidade e consolidação: “eu consideraria essa ação projeto como bem sucessiva, porque ela já está com um bom tempo, e ganhou um corpo, inclusive é um celeiro de atleta não só pra quem quer aprender a jogar mas pra quem quer seguir nessa carreira de jogadora, virou uma referência pelo menos no estado de SP.³⁹

Pouco a pouco, o sentimento de pertencimento, possibilidade e visibilidade de mulheres ocupando este espaço contribuiu para um crescimento da equipe. Popularizando a prática nesta época no clube social, proliferando oportunidades esportivas a números consumados, com média de 100 a 200⁴⁰ futebolísticas incorporadas por ano.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa se estruturava de forma presencial, com observações in loco do projeto FFC no início do mês de março de 2020, no entanto, ao final do mês, houve a paralisação das atividades⁴¹ presenciais em razão do início da quarentena, agravada pelo Covid-19.⁴² Afetando todas nós e também forçando alterações no desenho metodológico. Logo, o

³⁹ Entrevista Joana.

⁴⁰ Número em relação a adesão e que variava a cada ano, houveram casos de evasão que não foi possível contabilizar. O número estimado aqui, foi a partir de relatos da comissão técnica sobre esta época de abertura dos portões do clube social.

⁴¹ O campo da pesquisa esportiva passou por significativas mudanças para se adequar às novas limitações impostas pela necessidade de distanciamento social.

⁴² Desejo força e meus sentimentos por todas as pessoas que enfrentarem o luto neste período, para aquelas que seguiram o isolamento social apesar das dificuldades emocionais e políticas e que arriscaram suas vidas para salvar outras. O contexto de isolamento social, ou crise social provocada pelo COVID-19, nos leva a constantes pensamentos, e que valem o registro aqui: será que a COVID-19 dará origem a novas transformações sociais, principalmente no contexto esportivo estudado aqui? Ou apenas reafirmará desigualdades sociais e econômicas, como também uma polarização e discrepância entre a modalidade estudada e suas praticantes?.

caminho da pesquisa de campo que começou presencial, ganhou novos contornos técnicos migrando unicamente para o espaço digital. Desta forma, a escolha pelo estudo de caso contribuiu para a realização da pesquisa em um contexto digital com a comunidade do projeto FFC – o “caso” estudado nesta pesquisa.

O *corpus* deste trabalho foi realizado entre o período março de 2020 a outubro de 2021, através de: entrevistas semiestruturadas em plataformas digitais com sete profissionais que atuaram/atuam no projeto FFC; 11 narrativas de si, através de cartas escritas e enviadas de forma on-line; coleta de depoimentos on-line da comunidade; e observações em encontro virtuais, realizadas três vezes ao mês durante aproximadamente oito meses, de forma não participante. Ambos realizados por meio de mídias digitais destinados a comunicação virtual das atividades oficiais do projeto. O uso das plataformas de socialização foram intensificadas em contexto pandêmico e, por isso, “não são uma ferramenta neutra tampouco mera facilitadora de contatos”.⁴³

A amostra desta pesquisa foi constituída por ex-jogadoras, jogadoras, estagiárias, diretores, profissionais das áreas da saúde, familiares e treinadores que passaram pelo projeto em fases diferentes em sua estruturação e formalização. As informantes-chave foram escolhidas por meio do contato inicial com profissionais responsáveis pela organização do projeto, e que foram indicando possíveis interlocutoras para conversa posterior. A troca digital com as interlocutoras permitiu que conhecêssemos suas aflições e percepções sobre suas histórias com o futebol e futsal no projeto FFC – também em contexto pandêmico. Nesse meio de campo de trocas e encontros, favoreceu a oportunidade de descobrirmos as ações e estratégias de sobrevivência das atuantes do projeto nos 25 anos de história do projeto FFC.

A coleta de dados com as interlocutoras-chaves,⁴⁴ foram iniciadas após o primeiro mês de observações, a partir de um agendamento prévio, e posteriormente gra-

⁴³ MISKOLCI. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios, p. 148-149.

⁴⁴ Cada interlocutora-chave autorizou o uso dos dados a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. o anonimato desta comunidade foi assegurado na pesquisa, e seus nomes foram trocados para não haver identificação.

vadas com consentimento das e dos participantes. Contando com a utilização das ferramentas e plataformas digitais como: Google Meeting e/ou Zoom. Escolhidas de acordo com a familiaridade das entrevistadas em relação aos aplicativos utilizados. A duração das entrevistas sofreu ajustes, para que não se alongassem no espaço virtual, em horários adequados às interlocutoras. Como resposta intuitiva ao cenário remoto, adotamos uma nova estratégia metodológica, a captação de cartas.

Com intuito de captar junto as interlocutoras fragmentos espaço temporais: “marcas das inúmeras histórias singulares que os/as constituem”⁴⁵ sobre suas trajetórias no projeto FFC. Compilamos, inicialmente, as principais interlocutoras potenciais impossibilitadas de participar das entrevistas on-line. As cartas podiam ser escritas ou gravadas oralmente, para posteriormente serem enviadas por aparelho celular (equipamento que todas as interlocutoras possuíam), em um período de aproximadamente uma semana. As cartas eram endereçadas simbolicamente ao “projeto FFC”. Ao propor um destinatário no ato da escrita, as interlocutoras eram estimuladas a reviver memórias e experiências no projeto, exercitando também a autorreflexão. Vale ressaltar, que o processo metodológico e interpretativo com as cartas foi desafiador, pois, não se verificou em estudos anteriores na área do futebol e futsal de mulheres a utilização semelhante à que se propõe neste trabalho.

As entrevistas, cartas, depoimentos e registros de observações on-line foram categorizados conforme trechos de como as interlocutoras percebiam e relataram suas vivências esportivas junto ao projeto FFC. Por meio deste trechos, minuciosamente, agrupamos em duas categorias que sintetizam seu conteúdo. A primeira categoria aborda os relatos de criação do projeto encabeçada por *mães-jogadoras*, na luta por pertencimento no futebol. A segunda categoria, conta sobre o sentimento de pertencimento atrelada a formação da categoria de base, em contra partida, emerge neste cenário, um paradoxo ao oferecer a prática futebolística para meninas e mulheres.

⁴⁵ AYOUB. Gestos, cartas, experiências compartilhadas, p. 258.

RESULTADOS E DISCUSSÕES/FUTEBOL PARA MULHERES NO PROJETO FFC: A LUTA POR PERTENCIMENTO LIDERADA POR MÃES-JOGADORAS⁴⁶

A primeira forma de vivência futebolística no projeto FFC, parte da disputa de mulheres e mães-sócias pelo espaço esportivo do clube social parceiro. As interlocutoras notaram que a invisibilidade de oportunidades esportivas no futebol foi encorajada por diretores, associados e familiares, que inferiorizavam sua presença nos espaços de sociabilidade esportiva do futebol. Vale ressaltar que, ao final da década de 1980, a prática de futebol para os homens no clube acontecia sem qualquer questionamento, enquanto suas cônjuges, mulheres, e filhos pequenos, majoritariamente, ficavam do lado de fora do campo, observando o jogo. Qualquer movimento de disputa pelo espaço causava um estranhamento, afirmou uma das mães sócias: “O meu caçula quando me via entrar no campo para bater uma bola no intervalo do jogo do seu pai, ele me via e dizia” mãe não, papai sim”, então, imagina na cabeça dele? Aquilo me marcou muito”.⁴⁷

As oportunidades esportivas vivenciadas pelas mulheres e mãe sócias foram atravessadas por uma constante vigia da comunidade local, para se vincularem às normas de gênero vigentes. Tomamos aqui, o ato de vigiar⁴⁸ como legitimador de uma espécie de dispositivo⁴⁹ que, de forma discreta, é voltado à domesticação dos corpos que compõem os espaços de sociabilidade. Neste caso, fomentando desigualdades nos espaços futebolísticos e de interação social, ocupados e pensados para que apenas os homens usufruam, designando a elas – mulheres de camadas sociais alta/média – um espaço canônico, o de espectadoras,⁵⁰ o qual fora incentivado a elas desde os primórdios da inserção da modalidade no país.

⁴⁶ O termo em itálico evoca a figura de uma *mãe-jogadora* vai na contramão da construção de um lugar social exclusivo à reprodução, ao cuidado do lar de forma não remunerada, a feminilidade. Ao praticar futebol, elas resistiram às constantes vigias de seus corpos, às normas de gênero, e à maternidade como único destino, ressignificando sua corporalidade.

⁴⁷ Entrevista Sueli.

⁴⁸ FOUCAULT. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*, p. 240-244.

⁴⁹ Segundo Foucault, os dispositivos são: “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos”, p. 244.

⁵⁰ GUEDES. Prefácio, p. 15-19.

Contudo, como alerta Judith Butler (2003), “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”⁵¹ neste espaço, historicamente, também existiram mulheres⁵² que não se contentaram com este lugar social e que lutaram cotidianamente para (re)ocupá-lo. Sueli⁵³ e Vilma⁵⁴ foram mulheres e mães que não se permitiram ser apenas espectadoras e torcedoras. Preferiram atuar e agir com protagonismo na transformação dos espaços futebolísticos da agremiação na década de 1990.

A visibilidade da primeira turma de futebol das associadas [1996], nasce, então, do interesse pela prática de mães e mulheres sócias. Um grupo de associadas insistiu massivamente com a coordenação do clube social para que fosse aberta uma turma de futebol para elas: “E foi uma junção, a vontade de comer com a fome, que acabamos começando com esse time [...] a primeira turma de futebol feminino no clube”.⁵⁵ A vivência na modalidade se inicia não através de uma concessão do clube, e sim, reivindicação por *mães-jogadoras*.

As *mães-jogadoras* não tinham experiência com outras práticas esportivas de contato e força, como também, pouco autonomia e incentivo de vivenciar uma prática deste tipo. Afirmam também, que o nascimento de seus filhos impôs novas barreiras e preconceito social, ao vivenciarem a prática futebolística de contato e força: “algumas pessoas de lá [do clube] não gostavam de ver uma mãe jogando, [...] se assustavam”.⁵⁶ Vale ressaltar, que as associadas que se espantavam com a associação entre o futebol e *mães-jogadoras* à época eram majoritariamente brancas e jovens de classe média/alta e que, como destacado pelas próprias interlocutoras, passaram “precocemente” pelo

⁵¹ BUTLER. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, p. 154.

⁵² BONFIM. *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*.

⁵³ Sueli, de 48 anos, é uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do projeto FFC como jogadora durante dois primeiros anos da equipe do clube Bonfim e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe que com o passar dos anos se tornaria FFC. A entrevista foi realizada no dia 01 de julho de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

⁵⁴ Vilma de 42 anos foi uma das entrevistadas desta pesquisa. Participou do projeto FFC como jogadora e durante três primeiros anos da equipe do clube Bonfim atuando como primeira capitã da equipe e incentivadora da modalidade desde a criação da primeira equipe. A entrevista foi realizada no dia 17 de agosto de 2021, com aproximadamente uma hora de duração.

⁵⁵ Entrevista de Vilma.

⁵⁶ Entrevista Sueli.

rito do casamento e da maternidade. Questionavam ao ver *mães-jogadoras* em campo: “[...] falavam: ‘Vocês jogam futebol?’ Era assim. ‘Nossa, você?’ Como se fosse estranho, levava para o lado pessoal”.⁵⁷ Muitas destas mulheres que frequentavam o clube, denominadas por Sueli como “donas de casa”, estranharam o futebol sendo jogado por mulheres. Angela Davis (2016)⁵⁸ debate a construção das “donas de casa” associadas à figura das mulheres brancas de classe média. Tal ponto beneficia uma branquitude desvinculada de outros valores para o corpo na época, como o da prática futebolística neste contexto.

De forma geral, percebemos que a associação entre ser mãe e jogadora causava estranhamento à comunidade local, conforme depoimento de Sueli: “[...] convidava as outras mães e não iam não. Elas não iam por tudo, desde preconceito até medo”. O medo das associadas se relaciona com a construção social e conformação dos corpos de mulheres ao seu papel reprodutivo e a sua capacidade de gestar filhos saudáveis, contribuindo assim com o desenvolvimento da nação. Imaginário social que parte da história brasileira, como demarcado pela medicina higienista no país no século XIX: “A mulher encontrará a verdadeira esfera de ação, adequada ao sexo e aos seus deveres, no desempenho das funções do lar, da família, da escola”.⁵⁹ As imagens de feminilidade neste contexto, cruzam com a construção da: “representação da mulher-mãe. Ou seja, aquela que tem na maternidade a sua mais nobre missão”.⁶⁰

Ao negociarem o espaço futebolístico, *mães-jogadoras* borraram a premissa da maternidade como algo inato e fixo para criarem outras estratégias ao ocuparem este espaço e ressignificarem as representações em torno de seus corpos. Resistir ao imaginário social naquele espaço foi, inclusive, elemento de motivação para algumas participantes que frequentavam as aulas no clube social. Perguntadas sobre o que lhes motivavam em participar da turma de futebol: “quebrar o preconceito que estava dentro de mim [...] quando comecei a jogar eu tinha uns 23 anos e já com filho de 3 aninhos na época, foi uma alegria começar a jogar e foi o que me motivou a continuar”.⁶¹

⁵⁷ Entrevista Sueli.

⁵⁸ DAVIS. *Mulheres, raça e classe*, p. 160.

⁵⁹ PENNA. A mulher, a escola e o lar, s. d.

⁶⁰ GOELLNER. A Educação Física e a construção do corpo da mulher, p. 10.

⁶¹ Entrevista Sueli.

A persistência e continuidade das *mães-jogadoras* abriu o caminho para que mais mulheres, jovens e adolescentes sócias aderissem à prática ao longo da oferta no clube, como ressalta as interlocutoras, por meio do “boca a boca”, formalizando a primeira equipe de futebol (Fig. 1), que posteriormente originaria o projeto FFC. As experiências da primeira turma com a modalidade foram através das aulas e ocupação da estrutura esportiva do clube. Inicialmente, começaram a prática aos domingos e foram migrando para o sábado, “porque a coisa começou a dar melhor recepção, e foi bem difícil era pouca gente”.⁶²



Fig. 1 - Equipe reunida no Campo de Areião do clube Bonfim em 1996.
Fonte: Acervo pessoal Vilma.

O espaço esportivo do clube mais frequentado para as aulas semanais das equipes era o Campo de Areião (Fig.1), como chamam as interlocutoras: “a gente treinava num campo de terra, que era cedido pra gente, o *Areião*. Em dia de chuva era complicado”.⁶³ Espaço que contrapõem o gramado oficial para a prática do futebol, e que em dias chuvosos são um impérvio. As interlocutoras desta pesquisa, caracterizam o gra-

⁶² Entrevista Sueli.

⁶³ Entrevista Sueli (grifos da autora).

mado oficial como um equipamento de difícil acesso, e direcionado para praticantes homens sócios: “aí usamos o [campo] de terra porque eles [equipes de homens associados] usavam o de grama e a preferência era deles”.⁶⁴ Aspecto que foi recorrente entre as jogadoras e treinadores que participaram da equipe durante sua trajetória (entre 1996 a 2019): “dirigentes do clube, alegava que se treinasse ali [campo oficial] durante semana ia “estragar a grama”, e os associados ao final de semana iam achar ruim de jogar no campo esburacado”.⁶⁵

O campo oficial para a prática da modalidade no clube social pode ser visto aqui como um santuário de afirmação de um *modus operandi* destinado preferencialmente para a inteligibilidade dos homens nestes espaços “sagrados”, como o gramado verde, que sintetizam a manutenção de uma masculinidade hegemônica e de uma branquitude em espaços privilegiados e associativos.

O principal combustível para não evadirem da prática futebolística, foi a participação em competições esportivas por favorecerem a adesão aos treinos e vínculos afetivos. Quando as *mães-jogadoras* reivindicaram a oportunidade de prática do futebol, os circuitos competitivos⁶⁶ para mulheres ainda eram muito restritos. Na década de 1990, os torneios na região ocorriam em apenas um dia com equipes amadoras, como relembra Vilma: “juntavam 3 e 4 times nos espaços e íamos jogar campeonatos internos”. As faixas etárias e níveis técnico/tático variavam bastante. Competiam nas modalidades de futebol de campo/Society, na qual treinavam, e de futsal, como estratégia de sobreviver na prática esportiva e vivenciar competições, procurando alargar seu circuito, que era escasso para diversas gerações: “[...] você jogava uma vez por mês... e se tivesse campeonato uma coisinha assim, só jogava daqui um mês e meio...porque não tinha times”.⁶⁷

⁶⁴ Entrevista Sueli.

⁶⁵ Entrevista Luís.

⁶⁶ Circuitos competitivos alarga o conceito de composição. Abrangendo uma composição de elementos que envolve o cenário competitivo. Com atuação direta de diferentes atores e atrizes, e mobilizam ações em distintos espaços esportivos e contexto histórico.

⁶⁷ Depoimento de Amanda, de 34 anos. Participou desta pesquisa através de um depoimento on-line coletado em maio de 2020. Se inseriu no projeto FFC nos anos de 2001 a 2002 quando a parceria ainda era vinculada ao clube Bonfim, posteriormente representou a equipe do Guarani FC e migrou

A organização de campeonatos, a estrutura física e financeira de agremiações e clubes sociais que ofertavam o futebol para meninas e mulheres no Brasil enfrentavam condições de precariedade.⁶⁸ Apesar disso, não impediu que equipes/agremiações/clubes sociais se organizassem entre elas para continuarem suas atividades, como a organização de campeonatos internos (Fig. 2). O primeiro campeonato externo que a equipe participou foi a Taça Independência, envolvendo agremiações da cidade, por volta de 1996, com a participação de meninas e mulheres de diferentes idades.



Fig. 2 - Campeonato interno no Areião do clube social por volta de 1996.
Fonte: Acervo do projeto FFC.

A luta histórica de mulheres e *mães-jogadoras* sócias fomentou criação de oportunidades esportivas no futebol campineiro. Ao reivindicarem os espaços esportivos de

para estudar e jogar nos EUA. Atualmente é uma atleta profissional em solo brasileiro, uma das primeiras ingressantes da turma nesta fase.

⁶⁸ SALVINI, FERREIRA, JUNIOR. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro.

treino, de competição e de socialização do clube, desenvolveram um ambiente de homosociabilidades esportivas,⁶⁹ demarcando a importância de um sentimento de pertencimento a um grupo. Consolidado como base fundamental na vida social das mulheres e *mães-jogadoras* participantes:

A gente foi formando um grupo de mulheres lá no clube e ficávamos conversando depois dos treinos, e virou costume.⁷⁰

Não entendia nada de futebol, tá? Mas eu comecei a gostar e comecei a estudar sobre futebol, entender e fiquei apaixonada [...] pertencer ao time [...] faz a diferença. A gente se apoia uma na outra, isso faz a gente crescer.⁷¹

FORMAÇÃO DE JOGADORAS NO PROJETO FFC

A segunda forma da comunidade estudada legitimar e oportunizar sua vivência na prática futebolística esteve relacionado à formação de jogadoras no projeto FFC subsidiada pela implementação de políticas esportivas. Longe de engessar respostas fechadas, o propósito maior aqui é levantar questões sobre a formação de jogadoras e sua relação com a modalidade no projeto específico, marcada por distintas especificidades.

A prática se popularizou entre as próprias mulheres e crianças que frequentavam o clube social e, também, expandiu oportunidades esportivas para jogadoras não-sociais de distintas gerações, a partir da implementação de políticas de incentivo ao esporte. O principal aliado e diretor do projeto, Mauro,⁷² relembra que “Aí veio uma época que “deu um *estralo*”, esse *estralo* designa, exatamente, a fase em que o clube social iniciou (por volta de 2008/2009) a implementar e beneficiar da redução do Imposto de Renda no clube social.

⁶⁹ Sociabilidades entre pares e ou grupos iguais.

⁷⁰ Entrevista Sueli.

⁷¹ Entrevista Vilma.

⁷² Mauro de 55 anos foi um dos entrevistados desta pesquisa. Atua no projeto como treinador desde a criação da primeira equipe de mulheres em 1996 e foi um dos idealizadores do FFC. A entrevista foi realizada no dia 20 de maio de 2020, com aproximadamente duas horas de duração.

Vale a pena elucidar que as políticas implementadas a partir de 2006, e que afetaram diretamente a vivência da comunidade do projeto FFC, tiveram como contexto político, o início do planejamento do Governo Lula, que formalizou, enfim, uma agenda exclusiva e – ao menos em sua concepção – progressista para o esporte. O surgimento da Comissão de Clubes Sociais Esportivos, também em 2006, teve como objetivo a promoção de estudos e ações para regozijar os clubes e espaços de educação não-formal esportivos. Impactando a criação do Fundo de Incentivo ao Esporte e Cultura (FIEC) a nível municipal. O intento desta lei era o de encorajar a população da RMC na construção de novos espaços de práticas esportivas e de lazer, destinadas a projetos, organizações não governamentais, associações de bairro e clubes recreativos.⁷³

A diretoria do clube social se articulou para aplicar a Lei de Incentivo ao Esporte, direcionada para a redução do Imposto de Renda, com o objetivo de alavancar o nome do clube em competições regionais e aumentar o capital esportivo de suas equipes de distintas modalidades ofertas, inclusive do futebol de mulheres: “[o diretor] chegou pra cada professor: ‘O que você precisa para ser campeão?’ respondi: ‘se você deixar liberar pra mim meninos e meninas que não sejam sócios do clube para jogar, eu sou campeão’”.⁷⁴ Outros clubes sociais da região⁷⁵ aplicavam essa lei em seus espaços esportivos. Entretanto, não envolvia constância e permanência das jogadoras, gerando defasagens na formação das futebolísticas da infância a fase adulta.

Destarte, tais políticas públicas passaram a abranger possíveis caminhos de superação dos entraves à acumulação de bens, por meio da abertura de novas frentes e oportunidades de investimentos que pudessem ampliar as possibilidades de adesão de distintas mulheres e meninas, nos espaços futebolísticos urbanos da região campineira. Desse modo, futebolistas não-sócias do clube, oriundas de distintas classes, geração, etnias e localidades da região metropolitana de Campinas, que não imaginavam pertencer a esta prática passaram a integrá-la: “Aos 11 anos, quando entrei no clube social, foi

⁷³ BENINI FILHO. *Educação do corpo na perspectiva de gênero*.

⁷⁴ Entrevista Mauro.

⁷⁵ MOURA. *As relações entre lazer, futebol e gênero*.

quase como descobrir uma nova modalidade, foi como um choque descobrir que meninas jogam bola sim, que eu não era um ET no mundo”.⁷⁶

Então, a adesão de crianças e jovens talentos não-sócias na prática futebolística foi realizada por meio de convite para participação e observação do seu capital esportivo. Diferentemente das *mães-jogadoras* que começaram a jogar futebol dentro do clube, essa nova geração teve sua iniciação na escola. Um dos espaços mais destacados pelas jogadoras e participantes do projeto FFC como primeira experiência com a prática futebolística foi a escola, e que possibilitou a posterior inserção no projeto. Como o caso de Lana,⁷⁷ então no 7º ano do Ensino Fundamental, chamada para integrar o projeto FFC, ao participar dos Jogos Escolares Municipais (JEM) de 2011, ela comenta: “Nesses jogos, os professores do clube estavam olhando as meninas e chamando para fazer alguns treinos teste e, a partir daí, comecei a treinar”.

As interlocutoras ressaltaram que a chegada de mais jogadoras à equipe vinculada também esteve relacionada com suas redes de afetos, Carol⁷⁸ que escreve: “eu fui para o Bonfim porque as amigas da minha escola jogavam lá”. Segundo ela, encontraram, na equipe, um espaço futebolístico que fosse favorável às intenções de percorrerem uma trajetória esportiva.

Os espaços e territórios da cidade, onde segundo a comissão técnica, “encontrariam” e identificariam os talentos com o capital esportivo desejado, eram os espaços periféricos: “Buscamos as jogadoras lá na “Favela”. Pra ser campeão, né?!... lá no “bairro” lá na “periferia”.⁷⁹ As palavras “periferia” e “favela” são permeadas por uma

⁷⁶ Katia participou desta pesquisa através da escrita sobre si coletada em maio de 2020. A ex jogadora do projeto FFC se inseriu em 2009, quando a parceria ainda era vinculada ao clube Bonfim permanecendo durante quatro anos, e atualmente segue estudando a temática relacionada aos mulheres e o futebol na graduação.

⁷⁷ Lana participou desta pesquisa através de depoimento on-line sobre sua vivência junto a equipe, que se estendeu de 2012 a 2016.

⁷⁸ Carol de 24 anos foi uma das interlocutoras da pesquisa, participando de forma on-line através da escrita da carta enviada em maio de 2020. Atuando como jogadora na base do projeto durante 10 anos, e treinadora retornando como treinadora das categorias de base, após se formar em educação física com bolsas de estudos vinculada ao projeto.

⁷⁹ Entrevista Mauro.

rede complexa de elementos histórico-culturais e sociais.⁸⁰ Índices preocupantes de miséria, analfabetismo, moradia, trabalho, mortalidade juvenil, visibilidade, diferença social, entre outros se cruzam nestes espaços enunciados. Vale ressaltar, a importância de apontar as estatísticas não como um fim em si mesma, mas como urgências para a transformação e justiça social.

Cada vez mais meninas e mulheres da periferia campineira, na faixa etária entre 11 e 17 anos (nascidas em torno de 1987 e 1994) ingressaram na equipe, com possibilidade de transição geracional e formação esportiva. Pontuamos que neste processo formativo, as jogadoras do projeto tiveram a possibilidade – até então inédita – de traçar perspectivas futuras na modalidade, seja visando a profissionalização ou participação enquanto lazer. A formação jogadoras de futebol envolve segurança, continuidade e oportunidades esportivas, para que um processo de ensino-aprendizagem ocorra. É um fenômeno complexo, não linear e se faz no cotidiano, constituído por dimensões que dançam e se relacionam entre si. Desenvolvendo junto as jogadoras, elementos físicos, técnicos-táticos da modalidade, como também, social, educacional e psicológico, de forma relacional com o ambiente e agentes sociais:⁸¹ treinadoras e treinadores, funcionários dos clubes, familiares, torcedoras e torcedores e a cultura.

Quando perguntado as interlocutoras sobre a formação de jovens e mulheres no projeto destacam, sobretudo, que apesar das fragilidades de desenvolver um plano de desenvolvimento formativo, afirmam a importância das oportunidades esportivas dentro e fora de campo:

Nunca tive na minha cidade, por exemplo, um clube que formasse jogadoras de futsal e futebol feminino, apesar das fragilidades. Era um lugar ali que você ia ver meninas de 13 até 30 anos jogando, então assim, nesse trabalho foi de alguma forma dando esse retorno para alguma coisa que eu não tive, fazer com que as próximas meninas conseguissem, essa oportunidade, esse espaço.⁸²

[...] Recebi o convite para fazer parte da base do projeto e assim poder continuar a cursar a graduação [Educação Física] através de uma bolsa de

⁸⁰ VALLADARES. *A invenção da favela*.

⁸¹ CHOW. Non-linear learning underpinning pedagogy.

⁸² Entrevista de Naiane.

estudos. Permaneci na equipe até o ano passado, 2019, e através do clube fui convidada para fazer parte da equipe profissional da Ponte Preta.⁸³

A estratégia de vincular bolsas de estudos foi uma forma de oferecer oportunidades pós carreira e/ou outro seguimento profissional, caso a prática futebolística fosse descontinua ou não remunerada, como também, permanência no processo formativo. Algumas futebolísticas não sócias em grande maioria eram jovens, crias⁸⁴ do projeto FFC, escrevem essa transição da base para o dentro do próprio projeto, como parte central de sua trajetória e experiência.

Além disso, o processo de formação das jogadoras no projeto, oriundas de diferentes localidades da cidade, tensionou um espaço reservado à classe média/alta. Enquanto algumas associadas e praticantes, que passaram a ingressar no FFC, enxergavam a prática futebolística como algo que “dava medo” ou um momento de liberdade e lazer. As não-sócias (grande maioria das integrantes) e que formavam a base da equipe, viam o projeto uma oportunidade única de realização de seus projetos. Tornando o ambiente plural com mulheres de origens sociais e culturais, orientações sexuais, renda etc. plurais, problematizando formas homogêneas de representar as jogadoras.

Notamos, então, que a cultura das futebolistas não-sócias junto às interações e relações no clube social com as associadas, estimularam iniciativas que puderam representar e conhecer sua prática, através de símbolos do clube social. A criação de um grito de guerra “Bonfim, Raça, União, 3, 2, 1, Bonfim!” Usado em dias de jogos, foi um bom exemplo, como, também, a construção de uma identidade virtual da equipe. A palavra “sangue” passou a ser incorporado como elemento vital e nativo de identificação das relações afetivas e o vinho, representando a cor grená do clube social, adjetivando a ligação afetiva criada a partir dos símbolos do clube. O sentimento de pertença fortalece

⁸³ Julia. de 26 anos, é uma das interlocutoras da pesquisa, participando através da escrita de sua experiência com o projeto FFC por meio da carta enviada de forma on-line. Atuou na base do projeto durante um pouco mais de 2 anos(2010, 2015-2017) e atualmente é jogadora profissional.

⁸⁴ Cria é um termo nativo utilizado por algumas interlocutoras para destacar a trajetória de jogadoras que passaram pela formação da base do FFC.

um indivíduo no âmbito das relações interpessoais e intrapessoais. Alana⁸⁵ relata que esse sentimento de pertença à prática futebolística: “ajudou muito a me tornar um ser humano melhor”. É a partir dessa prática futebolística, que distintas perspectivas e mudanças sociais ocorrem na vida da comunidade: ganhando autonomia; recuperando a autoestima; ampliando as redes de contato, proteção e afetividade. Este espaço de homosociabilidades esportiva criada pelas jogadoras, fortaleceu o sentimento de pertença ao futebol e a um grupo social:

Tem união, tem conexão, não é simplesmente um time de futebol, mas ser uma família unida.⁸⁶

Minhas melhores amigas de hoje foram jogadoras comigo na época e minha profissão hoje e como eu encaro a importância dela tem ligação direta com essa época.⁸⁷

[...] O convívio com a equipe é o que mais fica pra mim [...] ver meus sonhos de jogar profissionalmente [sendo realizado] pelas minhas companheiras é muito gratificante.⁸⁸

[...] Jogadoras não se restringem a praticantes, elas se tornam grandes amigas, fazem atividades juntas fora dos momentos de treino.⁸⁹

Este elo de pertença histórico e cultural da equipe culminou na criação da primeira identidade visual do projeto FFC: o Campinas Futebol Feminino, ainda vinculada à parceria do clube social e FIEC até meados de 2019 (Fig. 3). Contando como parte do processo formativo a distribuição das jogadoras em categorias de base (sub-13, sub-15), adulto e amador; e envolviam três segmentos: iniciação esportiva, lazer e carreira profissional esportiva, o qual podia ser escolhido pelas participantes.

⁸⁵ Alana participou desta pesquisa através da escrita sobre si coletada em abril de 2020. A jogadora não sócia atua no projeto desde 2014 e atualmente é uma atleta profissional, também bolsista vinculada ao projeto FFC.

⁸⁶ Depoimento Irene.

⁸⁷ Carta de Carol, de 24 anos é uma das interlocutoras da pesquisa, participando de forma on-line através da escrita da carta enviada em maio de 2020. Atuando como jogadora na base do projeto durante 10 anos. e treinadora retornando como treinadora das categorias de base, após se formar em educação física com bolsas de estudos vinculada ao projeto.

⁸⁸ Carta de Luana.

⁸⁹ Entrevista Joana.



Fig. 3 - Formação de jogadoras do projeto vinculado ao clube social em 2018.
Fonte: Acervo do projeto FFC.

PARADOXO E NOVAS POLÍTICAS DE LICENCIAMENTO NA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA POR MULHERES

Observamos que, apesar da grande adesão de distintas gerações e do crescimento de um sentimento de pertença à equipe, a formação de jogadoras foi atravessada por relações de poder, classe e descontinuidades, a execução da política de incentivo ao esporte se tornou, dentro do clube social, um paradoxo. Quanto mais futebolísticas se infiltravam, mais tal movimento criava um “problema” para o clube, de acordo com seus administradores. O aumento das turmas e categorias geracionais, além da ampliação do circuito competitivo, afetou diretamente a carga horária da comissão técnica da equipe. Além disso, a presença das alunas não-sócias, ao passo que concretizaram o resultado almejado pela diretoria do clube de lograrem êxito competitivo e conquistarem visibilidade na região, acentuou a dificuldade do clube social em gerenciar a modalidade, que estava crescendo em seu espaço esportivo.

Como resposta estratégica à crescente carga horária, a diretoria retornou a cobrança de mensalidades, o clube tentou conciliar a visibilidade alcançada pela equipe

no cenário municipal e o elevado número de participantes não-sócias nos espaços futebolísticos da agremiação com um retorno financeiro, cujo efeito foi imediato: houve grande evasão de jogadoras não sócias, caracterizando um processo evasivo e paradoxal. Joan Scott (2005), destaca o paradoxo como: “uma proposição que não pode ser resolvida e que é falsa e verdadeira ao mesmo tempo”.⁹⁰ De acordo com Livia, a ação representou sua evasão da prática futebolística: “parei durante uns 6 meses [neste período] e só depois retornei”⁹¹ destacando como uma fase de muita dificuldade de retornar posteriormente à prática. Assim, apenas aproximadamente 15% das futebolísticas, conseguiam desembolsar o valor solicitado para continuar treinando.

A expressiva evasão de jogadoras levou a um desgaste e rompimento com o clube social (após duas décadas de parceria. Concomitantemente, em 2019, o projeto se alinha a uma parceria com a Associação Atlética Ponte Preta (AAPP), que teve como base as alterações do regulamento da Licença dos Clubes, da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), publicada em 30 de setembro de 2016. O regulamento determinou que os clubes de futebol da América do Sul tenham uma equipe principal de mulheres e, pelo menos, uma categoria base para elas ou deve estar associado a um clube que às tenham (CONMEBOL, 2018). Não há indícios de que essa exigência da CONMEBOL tenha decorrido de uma estratégia de valorização da prática futebolística sul-americana, no intuito de desenvolver a modalidade.⁹² A iniciativa, sim, se desenhou pela ânsia de suprir exigências de ordens superiores da FIFA, o que prejudicou a valorização do cenário do futebol de mulheres a fim de desenvolvê-lo.

Entretanto, tais intenções tiveram seus efeitos, como no caso estudado aqui. O centenário clube campineiro *encurtou* os caminhos para cumprir as exigências da CONMEBOL de possuir uma equipe de futebol de mulheres, afinal, o projeto FFC já possuía uma trajetória consolidada na região com prática futebolística de mulheres. Esta nova exigência estratégica de licenciamento dos clubes, afetou diretamente a relação criada

⁹⁰ SCOTT. O enigma da igualdade, p. 14.

⁹¹ Carta Livia.

⁹² BARREIRA et al. CONMEBOL e o futebol de mulheres.

entre o projeto e AAPP, cujas disputas jurídicas, tumultuaram o planejamento e organização da equipe para mulheres dentro da AAPP, sem uma abordagem voltada para as questões de gênero na modalidade, como apontado por Mauro (não expondo de forma específica essa atuação jurídica): “mas a parte jurídica da Ponte Preta é muito complicada. Eles querem entrar e entram no modulo masculino do jeito masculino no feminino, aí não tem... aí complica tudo... aí, tudo aquilo que você faz pro menino eles acham que deve fazer pra menina”.⁹³

A jogadora Lídia,⁹⁴ também destaca o desafio em torno das questões que envolvem a gestão de um equipe para mulheres em clubes estruturados e organizados para a oferta de prática para homens: “apesar de ser tratado como “profissional”, o futebol feminino infelizmente é gerenciado por muitas pessoas que o tratam de forma amadora. E isso nos custa investimentos, patrocínios, visibilidade” Lídia ressalta os principais problemas relacionados aos direitos trabalhista e profissionalização das atletas: “houve atraso na ajuda de custos, [...] no começo não tínhamos nem uniforme”. O cenário da profissionalização entre as mulheres ainda é problemático. Esses impasses jurídicos e estruturais, somada à ausência da compreensão sociocultural em torno das relações de gênero e políticas no clube, fizeram tortuosos os caminhos para estabelecimento da parceria e tentativa de regulamentação das novas exigências estratégicas da CONMEBOL.

Apesar dos desafios administrativos, o projeto FFC viveu um (raro) momento de oferta de oportunidades diretas em favor de sua comunidade em 2020. Algumas Jogadoras, que passaram pelas categorias de base no projeto, foram chamadas pela equipe principal da AAPP para compor o elenco, e a categoria de base do FFC, que se desligara do clube Bonfim, acabou se tornando representante do clube AAPP em ambas as modalidades (futebol e futsal), utilizando alguma das estruturas futebolísticas da entidade.

Esse período na Ponte está sendo muito legal pra mim. Tem pouco tempo que a gente ficou jogando e tal, por que logo teve essa pausa da quarentena, mas está sendo muito bom pra mim como atleta e profissional também porque eu

⁹³ Entrevista Mauro.

⁹⁴ Lídia de 26 anos, é uma das interlocutoras da pesquisa, participando através da escrita de sua experiência com o projeto FFC por meio da carta enviada de forma on-line. Atuou na base do projeto durante um pouco mais de 2 anos (2010, 2015-2017).

fiz educação física e é uma área que eu me interessou muito. Caso eu não seja atleta, eu quero trabalhar no meio do futebol, então eu estou conseguindo vivenciar as coisas novas e aprender bastante.⁹⁵



Fig. 4 - Espaço de treino da equipe de base do projeto vinculada a AAPP.
Fonte: A autora.

Antes da pandemia de Covid-19, ocasionada pelo vírus Sars-Cov-2, oficialmente paralisar a prática esportiva em todo o país em março de 2020, conseguimos acompanhar uma breve sessão de treinamento da equipe profissional da AAPP (Fig. 4). Mais da metade do elenco da AAPP era composto por jogadoras do projeto FFC. Acompanhamos alguns dos impasses da profissionalização de mulheres no futebol:

05/03/2020 – Dia de treino – equipe profissional

Os treinos são realizados todos os dias, 9h e vai até às 13h. Muitas jogadoras estudavam e trabalham para manter a prática do futebol, e não recebiam uma ajuda de custo que realmente cobria sua sobrevivência na cidade.

No decorrer do treino ajudei enchendo o galão de água que abastecia as garrafinhas das atletas, com um calor exaustivo e sensação térmica que atravessava os 30°. Ao lado do gramado de treino se via ao fundo da instalação esportiva, vacas pastando e sendo monitoradas pelos cuidadores do terreno. As próprias atletas também cuidavam de organizar o campo recolhendo gols, pequenos montinhos de gramas carpido para liberar mais espaço para o treino.

No apito final do treino as meninas se juntam ao centro do campo e recebem o representante do departamento feminino da equipe, ele começa a dialogar com elas sobre o registro de algumas jogadoras contratadas e recém

⁹⁵ Carta Carol.

adicionadas ao elenco para disputa de campeonatos, comenta sobre os uniformes ainda não serem exclusivos para mulheres, e a respeito de diversos impasses da parte de gestão do esporte. Uma das atletas exclamou: “eu vou estudar “*adm.*” só pra virar gestora e ajudar as meninas.” Outra questão apontada foi sobre o salário das jogadoras muitas não haviam recebido nenhuma quantia e não tinha previsão.⁹⁶

Mais adiante, em 2020, a parceria com a AAPP, de forma paradoxal, foi descontinuada. Estabelecendo no futebol de mulheres condições efêmeras de oportunidades esportivas quando comparada à prática dos homens. Ao analisarmos a parceria, evidenciamos a relevância de um plano de desenvolvimento para mulheres, tanto por parte entidades que gerenciam os clubes e são responsáveis pelo futebol, como pelas autoridades políticas e seu compromisso de pensar o desenvolvimento socio-esportivo da comunidade.

No entanto, o sentimento de pertencimento ao grupo, criada ao longo de duas décadas de oportunidades esportivas, nestes espaços ambíguos e os periódicos auxílios de políticas públicas campineiras, compuseram um processo de formação de jogadoras e a oficialização do projeto FFC. Permitindo clarificar desta subjetividade de pertença clubística sua formalização, enquanto projeto Futebol Feminino Campinas.⁹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, investigamos a trajetória de um projeto esportivo, e ao longo da sua história, verificamos sua importância no território metropolitano ao ofertar oportunidades reais de vivência futebolística. A história do projeto FFC condiz com a própria história de luta do futebol de mulheres brasileiro.

Constatamos a urgência da efetivação de estratégias para o combate das disparidades e desigualdades formativas no esporte e compreendemos que esta investigação indica desafios a serem problematizados ao fomento de oportunidades futebolísticas democráticas para distintas meninas e mulheres no país.

⁹⁶ Registro no diário de campo.

⁹⁷ Leia mais em: <https://www.instagram.com/futfemcampinas/>

O primeiro desafio se refere à oferta de oportunidades esportivas, na qual, dentro do FFC, se iniciou com a reivindicação de *mães-jogadoras* na década de 1990 no espaço do clube social, na cidade de Campinas. Elas lutaram pela construção da primeira turma de futebol para mulheres no clube, caracterizando como um ato político.

Vale ressaltar que, apesar da construção de oportunidades esportivas no FFC estar vinculada às estratégias afetivas, outros desafios surgiram nesta trajetória, como: paradoxo na modalidade; evasão da prática por razões econômicas, pandêmicas e socioculturais; descontinuidade de parcerias e ausência de planos de desenvolvimento a longo prazo à comunidade estudada. Ao analisarmos tais parcerias, evidenciamos a relevância de um plano de desenvolvimento para a formação de jogadoras de futebol, tanto por parte entidades que gerenciam os clubes e são responsáveis pelo futebol, como pelas autoridades políticas e seu compromisso de pensar o desenvolvimento sócio-esportivo com dignidade para distintas meninas e mulheres.

Não obstante, há limitações da referida pesquisa, das quais destacamos desenvolvimento de forma virtual, limitando um envolvimento mais intimista das interlocutoras. Novas pesquisas, em outros contextos, podem contribuir nesse processo de construção do conhecimento e de políticas públicas.

Enfim, ao propor visibilidade a projetos que ofertam oportunidades esportivas para um público que, historicamente, foi estigmatizado como não pertencente a modalidade, configurando um compromisso político em prol da construção e promoção de uma educação esportiva a caminho de uma sociedade que reconheça e valorize o lugar de meninas e mulheres como protagonistas e pertencente ao universo cultural do futebol brasileiro.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Caroline Soares de. O Estatuto da FIFA e a igualdade de gênero no futebol: histórias e contextos do futebol feminino no Brasil. **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 72-87, 2017.
- ALTMANN, Helena; AYOUB, Eliana; AMARAL, Sílvia Cristina Franco. Gênero na prática docente em educação física: “meninas não gostam de suar, meninos são habilidosos ao jogar?”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, p. 491-501, 2011.
- AYOUB, Eliana. Gestos, cartas, experiências compartilhadas. **Revista Leitura**, Alagoas, n. 58, p. 274-283, 2012.
- BARREIRA, Julia; MEDEIROS, Daniela; FERREIRA, Flavia. Futebol feminino como prática de lazer: um mapeamento dos espaços públicos e privados na cidade de Campinas/SP. **Resumos do X Congresso Internacional de Educação Física e Motricidade Humana**, São Paulo, 2017.
- BARREIRA, Julia; MAZZEI, Leandro; CASTRO, Flavio; GALATTI, Larissa. CONMEBOL e o futebol de mulheres: uma análise das estratégias de desenvolvimento (in) existentes na América do Sul. In: MARTINS, Mariana Z.; WENETZ, Ileana (Ed.). **Futebol de mulheres no Brasil: desafios para as políticas públicas**. Curitiba: Ed. CRV, 2020, p. 29-44.
- BENINI FILHO, Flávio de Andrade. **Educação do corpo na perspectiva de gênero: uma análise de projetos públicos de esporte e lazer**. Dissertação (Mestrado em Educação), Unicamp, Campinas/SP, 2017.
- BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais), FGV-Rio, 2019.
- BRASIL. A prática de esporte no Brasil. Brasília, 2015. Disponível em: <https://encurtador.com.br/qLY01>. Acesso em: 5 jan. 2021.
- BRAUNER, Vera Lucia. Desafios emergentes acerca do empoderamento da mulher através do esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 521-532, 2015.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMPINAS, Futebol Feminino, c2020. **Página inicial**. Campinas. Disponível em: <http://futebofemininocampinas.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- CHOW, Jia Yi. Non-linear learning underpinning pedagogy: evidence, challenges and implications. **Quest**, v. 65, n. 4, p. 469-484, 2013.
- DAOLIO, Jocimar. As contradições do futebol brasileiro. In: CARRANO, Paulo C. Rodrigues. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2000, p. 29-44.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

- DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph; WUILLAUME, PATRICE CHARLES FX. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**, p. 321-348, 1997.
- FIFA. Women's Development Programme. c2023. Zurich, Switzerland. Disponível em: <https://encurtador.com.br/hAWX2>. Acesso em: 8 mar. 2023.
- FIFA. Women's football member associations survey report. c2019. Zurich, Switzerland: Disponível em: <https://encurtador.com.br/bjszW>. Acesso em: 1º mar. 2023.
- FIFA. Benchmarking Report Women's Football. Disponível em: <https://encurtador.com.br/fwIT9>. Acesso em: 6 fev. 2022.
- FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2012.
- FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa para macho"?: pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, p. 315-328, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.
- GOELLNER. A Educação Física e a construção do corpo da mulher: imagens de feminilidade. **Motrivivência**, UFSC, Florianópolis, n. 16, 2001.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na *Revista Educação Physica*. **Seminário Estadual de Dissertações e Teses** [Programa e resumos], UFRGS, Porto Alegre/RS, 2000.
- GUEDES, Simoni Lahud. Prefácio. In: KESSLER, Cláudia Samuel; COSTA, Leda Maria da; PISANI, Mariane da Silva. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Ed. Universidade Federal de Santa Maria, 2020, p. 15-19.
- JACOBS, Josephine C. Programme-level determinants of women's international football performance. **European Sport Management Quarterly**, v. 14, n. 5, p. 521-537, 2014.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho et al. **Políticas públicas de lazer-formação e desenvolvimento de pessoal**: os casos de Campinas e Piracicaba/SP. Curitiba/PR: OPUS, 2007.
- MARTINS, M. Z.; SILVA, K. R. S.; VASQUEZ, V. As mulheres e o país do futebol: interseções de gênero, classe e raça no Brasil. **Movimento**, v. 27, p. e27006, 2021.
- MELO, Victor A. de. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 24, n. 1, 2010.
- MELO, Vitor A. de. Futebol, lazer e práticas lúdicas. **Ciência e Cultura**, v. 66, n. 2, p. 35-38, 2014.
- MENDONÇA, Renata. O brasileiro feminino de 2020 terá número recorde de times profissionais. **Dribladoras**, 2020. Disponível em: <https://shre.ink/l2Vw>. Acesso em: 6 jan. 2021.
- MISKOLCI, Richard; FIGUEIREDO BALIEIRO, Fernando de. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p.133-156, 2018.

MORAES, Enny Vieira. **Fazendo gênero e jogando bola**: futebol feminino na Bahia anos 80-90. Salvador: EDUFBA, 2014.

MOURA, Eriberto Jose Lessa de. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Unicamp, Campinas/SP, 2003.

PENNA, Belisário. A mulher, a escola e o lar. S. D. Departamento de Arquivo e Documentação/ Casa de Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro. Fundo Pessoal Belisário Penna. Manuscrito. 13 folhas. BP/PI/TP/90002040-37. Disponível em: <http://arch.coc.fiocruz.br/index.php/y20w2>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SALVINI, Leila; FERREIRA, Ana Letícia Padeski; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. O futebol feminino no campo acadêmico brasileiro: mapeamento de teses e dissertações (1990–2010). **Pensar a prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, 2014.

SCHUCMAN, Lia. V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. Tese (Doutorado), USP, 2012. Biblioteca Digital Teses e Dissertações USP.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, v. 13, 2005, p. 11-30.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, UFRGS, v. 20, n. 2, 1995.

UNGHERRI Bruno, ISAYAMA Hélder Ferreira. Equipamentos públicos de lazer e esporte: o cenário institucional de municípios que implementaram o Programa Esporte e Lazer da Cidade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 43, 2020.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem à favela. Editora FGV, 2005.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

* * *

Recebido em: 29 abr. 2023.
Aprovado em: 1º jul. 2023.